

ROTEIRO DeLeitura versão completa**Coleção LANTERNA MÁGICA*****A magia do amor* – Reconto Chinês**

A literatura chinesa é uma das mais antigas e mais ricas que existem. O conto aqui trabalhado data da Dinastia Tang (608 d.C a 905 d.C), uma época de apogeu cultural na China. Seu título original é *Reencontro* e, como o próprio nome diz, trata-se de um reencontro não exatamente entre duas pessoas, mas da jovem Chien-Yang consigo mesma: um reencontro pessoal motivado por um amor intenso e mágico.

Originalmente escrito para o público adulto, este conto foi adaptado para o público infantil por sua singeleza e algumas similaridades com outros contos bastante conhecidos que serão citados em nosso estudo. Sua simbologia, também bastante próxima de outras histórias que conhecemos, enriquecerá a nossa análise.

Antes da Dinastia Tang, os relatos voltavam-se para as guerras e suas estratégias, sem focalizar a vida do homem comum. Durante esta dinastia, porém, surge uma variedade de contos, romances, sátiras, que narram o cotidiano, deixando transparecer os valores culturais da época, crenças e costumes.

Este conto é uma história de amor, com características bem distintas de muitos contos da época, e descreve um amor romântico capaz de produzir magia. E este será nosso objeto: buscar dentro do conto romântico chinês uma analogia com outras histórias do gênero.

Mágicos em qualquer cultura – a diversidade

Esta obra nos leva a conhecer traços da cultura chinesa, uma cultura distante do Ocidente em suas tradições e geografia e, neste caso, também distante na época que relata. Apesar das diferenças, percebemos também similaridades, graças ao enfoque universal dos contos maravilhosos. Como ensina J. Bonaventure, além de *episódios de uma estória imaginária*, o conto nos conta *algo sobre nós mesmos*.

Sem a pretensão de esgotar o assunto e lembrando que cada leitura feita é sempre uma das muitas possíveis, vamos nos deter em alguns elementos do conto que, dentro do processo de construção de sentidos, nos abram possibilidades de ir além da superfície, desvendando os mistérios do texto.

Texto e contexto: nosso fio condutor. Para compreender o primeiro, buscaremos, dentro da simbologia universal, o sentido mais próximo da cultura chinesa. Para situar o segundo, levare-



mos o leitor a outras paisagens e cenários. E, ao detectar semelhanças, veremos também as diferenças que somam, que acrescentam detalhes, enriquecem repertórios, estimulando a compreensão de variados modos de ser e de estar no mundo.

“... quando se mergulha no mundo dos mitos e lendas, é importante não só apontar semelhanças estruturais das histórias narradas pelo mundo afora, mas também ressaltar as variantes, as diferenças e os ensinamentos que elas podem conter. (SEIXAS, 1999, p.30).

Temática e estrutura narrativa

Podemos identificar nos contos maravilhosos verdadeiros Ritos de Iniciação e de Passagem caracterizados pelas diversas tarefas ou estágios por que passam os personagens. Muitas vezes, a estrutura narrativa dos contos se assemelha, tornando possível estabelecer uma linha sequencial: problema ou desafio; proibição; transgressão; combate; solução positiva ou negativa.

No conto *A magia do amor* esta sequência pode ser observada, o que facilita a analogia com outras histórias. Ressaltam-se também temas recorrentes nos contos mágicos: a passividade feminina (aqui observada apenas no início); a passagem da infância para a adolescência; o adormecimento ou exílio; a descoberta do amor.

Tornar próximo o distante

O que justifica a sobrevivência dos contos maravilhosos – originados na tradição oral e inúmeras vezes adaptados –, é o fato de eles conterem em seu bojo elementos ficcionais que nos dão ferramentas para compreender nossos próprios conflitos. Conflitos humanos, em qualquer tempo e lugar. Esta característica faz com que todas as suas versões e adaptações sejam ricas – em maior ou menor grau – desde que preservada sua essência: a natureza humana.

Se é distante o conto e o personagem, vamos, passo a passo, desvendar seus mistérios para seduzir o leitor, sem o que a verdadeira leitura não se dá. Assim, mais que a origem, importa a trama, o que ela nos sugere, o que oculta, o que revela. O que se pretende é possibilitar a leitura em seu sentido mais amplo (sentido que o professor não pode desprezar), o que nos remete ao que diz M.Helena Martins:

“... quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa... Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura” (MARTINS, 1994, p.17 – grifamos).

E, ainda,

“... para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida; precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão, sensorial, emocional ou racional, uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos.” (idem, p.82).



Condições que podem ser criadas com atividades que motivem o leitor a novas descobertas.

A história

(*Chien, uma Branca de Neve Bela [e] Adormecida*)

Chien-Yang, filha única do mandarim Chang-Yi, tinha um primo chamado Wang-Chou que foi criado com ela. Um dia, o pai de Chien revelou à sua esposa que aceitaria o rapaz como genro. Como eles eram muito jovens, o assunto foi esquecido. Porém, os dois – que já tinham muita afinidade – ouviram a conversa e nela acreditaram. Deixaram que o afeto crescesse, cientes de que estariam sempre juntos.

O mandarim, porém, esquecido da promessa, deu a mão de sua filha a outro rapaz. Inconformado, Wang decide partir e se despede da família, alegando buscar trabalho e estudos. Muito triste, a jovem participa dos preparativos do seu casamento mas, às vésperas, decide seguir seu amado. Enfrentando a família, ela foge, casa com Wang e tem com eles dois filhos. Durante sete anos eles vivem felizes até que, um dia, decidem voltar e pedir o perdão dos pais de Chien. Grande surpresa os aguarda! Na casa dos pais, durante os mesmos longos anos, Chien se manteve desacordada. Diante de olhares incrédulos e com abraço emocionado, o reencontro mágico da jovem desperta com a adormecida acontece.

Signos e Similaridades

O sono

Esta história possui alguma similaridade com outras conhecidas, como já dissemos. Há uma jovem bela e bem nascida, amada pelos pais, uma filha desejada. Aqui não há madrastas nem disputas com a mãe para ver quem a mais bela e mais amada pelo pai. Não há o costumeiro conflito. Não há um envenenamento por uma bruxa malvada.

Chien vive com os pais em harmonia, ao lado de Wang, seu primo, desde criança. Portanto, muito embora Chien precise crescer, se conhecer e se afirmar, não a vemos disputando com ninguém. Seu problema será outro: o *esquecimento* (ou abandono) da promessa do pai que vai gerar uma *proibição* indireta: – afastá-la do homem que ela conhece e ama para casar com outro, estranho, que ela não ama.

Comparada às heroínas *Branca de Neve* e *Bela Adormecida*, Chien tem em comum a juventude; a beleza; o amor e... o sono. E é neste último que vamos nos deter pelo seu conteúdo simbólico: a construção da identidade feminina, da passagem da adolescência para a idade adulta.

Se Bela Adormecida e Branca de Neve são passivas no seu sono, Chien não o é, pois, em outra paisagem, vive um casamento romântico, gera e cuida de dois filhos, durante sete anos. Não há aí passividade, exceto pela visão que seus pais têm dela, em seu quarto fechado num sono profundo como a morte. Morre a menina, nasce a mulher.



Mais passivo seria o seu herói que não reage, ou melhor, reage partindo (ou fugindo). O herói não enfrenta o desafio, a proibição. Não transgredir, não combater. Aceita passivamente a decisão alheia que lhe tira definitivamente seu grande amor.

Já, Chien, com a estratégia (ou magia) do sono, elimina o conflito, acaba com a proibição, dá a solução positiva, sete anos depois, quando o alívio da família, ao vê-la viva, faz com que os pais esqueçam a transgressão e a recebam de braços abertos.

Parece que aí o conto nos diz que, de certa forma, Chien foi calculista e tramou uma saída sem danos mas, na verdade, não é isso que sentimos. Diz o conto que a alegria do jovem casal jamais foi plena, daí o retorno e o desejo do perdão. Resgata-se, assim, o valor dos pais e do núcleo familiar.

Confiantes no seu amor verdadeiro, nós a vemos regressar ao lar paterno sob olhares cálidos e emocionados e, diante do abraço de Chien menina e Chien mulher, nós a compreendemos e a perdoamos.

Explica-se: nos contos maravilhosos, muitas vezes, o *sono* é a morte do que fomos para nós e para os outros:

“... [o sono] simboliza aquele distanciamento que separa em dois tempos a vida de pais e filhos. Em sua separação imposta pelo crescimento é inevitável a morte do que fomos uns para os outros” (CORSO, 2006, p.90).

O barco / a água

Barca (barco) – símbolo de viagem; de uma travessia feita tanto pelos vivos como pelos mortos.

Água – fonte de vida; meio de purificação e regeneração.

Signo da travessia, vale notar que é num *barco*, sobre as *águas* que Chien parte com o amado (para o amor) e regressa com os filhos.

Atividades sugeridas como aquecimento

- Como primeiro passo, sugerimos que se faça um rápido reconhecimento geográfico da região abrangida pela China e os países vizinhos, salientando características de seu relevo, clima e breves noções sobre a organização social.
- Mostrar ilustrações e fotos que revelem cenários da época: arquitetura, vestimentas, tipos físicos, transportes, contextualizando a leitura.

Atividades pós-leitura

- Explorar o recontar das histórias pelos alunos, aproveitando para esclarecer dúvidas; comparar interpretações.
- Relembrar as histórias de *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*, apontando semelhanças e desvendando alguns símbolos.



- Criar com a classe um conto no qual um personagem mergulhe num sono profundo e renasça transformado.
- Promover a leitura do conto criado, em voz alta, pelos alunos. Comparar com o primeiro.
- Mostrar fotos, vídeos e imagens de símbolos da China e as grandes construções: A Muralha da China; O Exército de Terracota; A Cidade Proibida.

Filme

Mulan

DVD. EUA, 1998; Disney Pictures; 88 min.; animado; livre. www.mulan.com

Mulan é um filme baseado num mito chinês de quase 2.000 anos. Real ou não, o filme Mulan reconta a história de uma jovem donzela chinesa que queria honrar sua família. Ela coloca sua vida em perigo quando descobre que seu pai seria integrado ao exército para lutar contra a invasão dos Huns. Sabendo que não sobreviveria aos rigores da guerra em seu país, Mulan se disfarça de homem e vai no lugar dele. O dragão Mushu a ajuda a superar os perigos.

A história se passa no ano 450 d.C., quando o vilão Shan-Yu, líder dos Hunos (na verdade os Xiongnu), invade a China Imperial, revoltado com a construção da Grande Muralha. O Imperador ordena que um homem de cada família seja convocado para servir ao exército e ajudar na expulsão dos invasores.

Bibliografia

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
BONAVENTURE, Jette. *O que conta o conto?* São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. *Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.
GOTLIB, Nadia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2000.
MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
PRIETO, Heloisa. *Quer ouvir uma história?* – Lendas e Mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra, 1999.

ROTEIRO DeLeitura elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infanto-juvenil.